

EU ESTOU AQUI

Nina LaCour



SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Alcoolismo

Depressão

Doenças

Luto e perda

Suicídio (implícito)

Trauma

Para a Kristyn, agora mais do que nunca,

*e à memória do meu avô, Joseph LaCour,
para sempre no meu coração.*



ANTES DE PARTIR, A HANNAH perguntou-me se eu tinha a certeza de que ficaria bem. As férias de inverno tinham começado oficialmente há uma hora, e toda a gente, exceto os funcionários, se tinha ido embora. A Hannah, porém, continuava ali. Dobrara um cesto de roupa, enviara um e-mail, procurara no seu enorme livro de Psicologia as respostas do último exame, para ver se tinha respondido corretamente. Depois de esgotar todas as formas de ocupar o tempo, a minha resposta, «Sim, eu vou ficar bem», deixou-a sem outra opção que não fosse tentar acreditar em mim.

Ajudei-a a carregar uma mala até ao andar de baixo. Ela deu-me um abraço, apertado e formal, e sugeriu:

— Voltamos da casa da minha tia no dia 28. Apanha o comboio e podemos ir ver umas peças de teatro.

Anuí, sem saber se realmente era o que pretendia fazer. Quando voltei para o nosso quarto, reparei num envelope fechado que ela tinha posto, sem eu ver, na minha almofada.

Agora estou sozinha no edifício, a olhar fixamente para o meu nome escrito na bonita letra cursiva da Hannah e a tentar não deixar que este pequeno objeto me destruía.

Acho que tenho um problema com envelopes. Não gosto de os abrir. Nem sequer tenho vontade de lhes tocar, mas fico a dizer a mim mesma que irá ser uma coisa boa. Um postal de Natal. Talvez com uma mensagem especial lá dentro, ou somente uma assinatura. De qualquer forma, será inofensivo.

Os dormitórios são fechados durante o mês de férias, mas o meu orientador ajudou-me a conseguir ficar cá. A administração não ficou muito contente. «Não tem família?», perguntaram. «Ou amigos com quem possa ficar?» «É aqui que eu moro agora», disse eu. «É onde vou viver até me formar.» Lá acabaram por ceder. Um bilhete da responsável dos serviços residenciais apareceu por baixo da minha porta há dois dias, dando-me o contacto do zelador que estaria aqui durante as férias. *Seja o que for*, escrevera. *Contacte-o se precisar de alguma coisa, seja o que for*, escreveu.

Coisas de que preciso: o Sol da Califórnia. Um sorriso mais convincente.

Sem as vozes de todos os outros, sem as televisões nos seus quartos, sem as torneiras a correr e as descargas de autoclismo, sem o zumbido e o apito dos micro-ondas, sem os passos e as portas a bater — sem todos os sons da vida — este edifício é um lugar novo e estranho. Estou aqui há três meses, mas só agora é que reparei no barulho do aquecedor.

Um clique: um sopro de calor.

Esta noite estou sozinha. A Mabel chega amanhã e vai ficar três dias, depois ficarei sozinha novamente, até meados de janeiro. «Se *eu* fosse passar um mês sozinha», disse a Hannah ontem, «começaria a meditar. Está clinicamente comprovado que contribui para uma tensão arterial baixa e aumenta a atividade cerebral. Até ajuda o sistema imunitário.» Alguns minutos



depois, retirou um livro da mochila. «Vi este na livraria, há dias. Podes ler primeiro, se quiseres.»

A Hannah atirou o livro para cima da minha cama. Era uma coletânea de ensaios sobre a solidão.

Eu sei o motivo para ela rezear por mim. Cheguei aqui duas semanas após a morte do meu avô. Entrei neste quarto uma estranha aturdida e selvagem e agora sou uma pessoa que ela conhece, e preciso de continuar a sê-lo. Por ela e por mim.

Ainda mal passou uma hora e já sinto a primeira tentação: o calor dos cobertores e da cama, das minhas almofadas e da manta de pelo falso que a mãe da Hannah deixou aqui, depois de um fim de semana de visita. Todos a dizer: *Deita-te. Ninguém vai saber se passares o dia todo na cama. Ninguém vai saber se usares as mesmas calças o mês inteiro, se comeres todas as refeições em frente à televisão e se usares a t-shirt como um guardanapo. Vai, ouve a mesma música sem parar, até o som perder o significado e até dormires por esse inverno fora.*

Só tenho de ultrapassar a visita da Mabel, e depois tudo isto poderá ser meu. Podia embrenhar-me no Twitter até ficar com a visão turva e a seguir colapsar na cama como uma personagem de Oscar Wilde. Podia arranjar uma garrafa de uísque (apesar de ter prometido ao avô que não o faria) e deixá-la fazer-me brilhar, esbatendo os contornos do quarto e soltando as memórias das suas jaulas.

Talvez o ouvisse cantar outra vez, se tudo o mais se calasse.

Mas era disso que a Hannah estava a tentar salvar-me.

A capa da coletânea de ensaios é índigo. Capa mole. Abro na epígrafe, uma citação de Wendell Berry: «No círculo dos humanos,



estamos cansados de lutar e não temos descanso.» O meu círculo privado de humanos fugiu do frio cruel para as casas dos pais, para lareiras a crepitar ou destinos tropicais onde vão posar de biquíni e gorros de Pai Natal para desejar Boas Festas aos amigos. Vou fazer os possíveis para confiar no Sr. Berry e encarar esta ausência como uma oportunidade.

O primeiro ensaio é sobre a natureza. Um escritor de que nunca ouvi falar passa páginas a descrever um lago. Pela primeira vez em muito tempo, sinto-me relaxada com a descrição de um cenário. Ele descreve as ondulações, o cintilar da luz sobre a água, os pequenos seixos na margem. Debruça-se sobre a flutuação e a ausência de peso: coisas que eu entendo. Eu enfrentaria o frio lá fora se tivesse a chave da piscina interior. Se pudesse começar e terminar cada dia deste mês solitário a nadar, ia sentir-me bem melhor. Mas não posso. Por isso, leio. O escritor sugere que pensemos na natureza como uma forma de solidão. Dizendo que os lagos e as florestas vivem nas nossas mentes. «Fecha os olhos», diz, «e vai até lá».

Eu fecho. Ouço o clique do aquecedor e espero para ver o que irá preencher-me.

Lentamente, aparece. Areia. Estornos e areia de vidro rolando. Gaivotas e pilritos. O som e — *mais depressa* — a visão das ondas a quebrar, recuando, desaparecendo oceano e céu adentro. Abro os olhos. É demasiado.

A lua é um fragmento brilhante que vejo da minha janela. O candeeiro de secretária, que ilumina um papel de rascunho, é a única luz acesa entre os cem quartos deste edifício. Estou a fazer uma lista, para depois de a Mabel ir embora.

ler o New York Times online todas as manhãs
ir ao supermercado
fazer sopa
ir de autocarro até ao centro comercial/biblioteca/café
ler sobre a solidão
meditar
ver documentários
ouvir podcasts
descobrir música nova...

Encho a chaleira elétrica no lavatório da casa de banho e preparo um ramen instantâneo. Enquanto como, descarrego um audiolivro sobre meditação para principiantes. Carrego no play. A minha mente começa a vaguar.

Mais tarde, tento dormir, mas os pensamentos continuam a vir. Tudo a rodopiar ao mesmo tempo: a Hannah a falar sobre meditação e peças da Broadway. O zelador e se vou precisar de alguma coisa dele. A Mabel a chegar ao local onde vivo atualmente e a voltar a fazer parte da minha vida. Eu nem sei como vou conseguir formular a palavra *olá*. Não sei o que fazer com a minha cara: se serei capaz de sorrir ou até se o deveria fazer. E, durante todo este tempo, o clique do aquecedor liga e desliga, cada vez mais alto, conforme o meu cansaço vai aumentando.

Acendo o candeeiro ao lado da cama e pego no livro de ensaios.

Poderia voltar a tentar fazer o exercício, desta vez mantendo-me em solo firme. Lembro-me das sequoias, tão formidáveis que era necessário cinco de nós, com os braços esticados, para rodear apenas uma delas. Por baixo das árvores havia fetos,

flores e terra húmida e preta. Mas não confio na minha mente para ficar naquele bosque de sequoias e, agora, no exterior e cobertas de neve, há árvores que nunca tentei envolver com os braços. Neste lugar, a minha história tem apenas três meses. Vou começar aqui.

Saio da cama, enfio umas calças de fato de treino por cima das leggings e uma sweat larga por cima da camisola de gola alta. Arrasto a cadeira da minha secretária até à porta e pelo corredor na direção do elevador, onde carrego no botão para o último andar. Quando a porta se abre, levo a cadeira até à enorme janela da torre, onde está sempre tudo sossegado, mesmo quando o dormitório está cheio. Ali, fico sentada, com as mãos nos joelhos e os pés na alcatifa.

Vejo a lua lá fora, os contornos das árvores, os edifícios do campus, as luzes que indicam o caminho. Tudo isto é agora a minha casa, e continuará a ser depois de a Mabel se ir embora. Absorvo a quietude de tudo isto, esta verdade espinhosa. Os meus olhos ardem, a garganta está apertada. Se ao menos eu tivesse algo para aliviar a solidão. Se ao menos *solitária* fosse uma palavra mais exata. Deveria soar a algo menos bonito. Mas é melhor enfrentar isto agora, para não ser apanhada de surpresa mais tarde, para não ficar paralisada e incapaz de encontrar o caminho até mim mesma novamente.

Inspiro. Expiro. Mantenho os olhos abertos e focados nestas novas árvores.

Eu sei onde estou e o que significa estar aqui. Sei que a Mabel chegará amanhã, quer eu queira quer não. Sei que estou sempre sozinha, mesmo quando estou rodeada de pessoas, portanto, dou as boas-vindas ao vazio.



O céu tem o tom de azul mais escuro possível, cada estrela é clara e brilhante. Sinto as palmas das mãos quentes nas pernas. Existem muitas maneiras de estar sozinha. Sei que isso é verdade. Inspiro (estrelas e céu). Expiro (neve e árvores).

Existem muitas maneiras de estar sozinha, e da última vez não foi assim.

A manhã parece diferente.

Dormi quase até às 10 horas, quando ouvi a carrinha do zelador por baixo da minha janela, a limpar a neve da entrada. Tomei banho e já me vesti; a luz do dia jorra pela janela. Depois de selecionar uma playlist, ligo as colunas da Hannah ao meu computador e, num instante, tenho o dedilhar de uma guitarra acústica a ecoar no quarto, seguida de uma voz de mulher. Pego na chaleira elétrica, abro a porta e dirijo-me ao lavatório da casa de banho. O som acompanha-me até à esquina. Deixo a porta da casa de banho aberta. Enquanto sua única habitante, posso muito bem fazer com que estes espaços se tornem meus.

Coloco água na chaleira. Olho para o meu reflexo. Experimento sorrir, como será de bom tom fazer quando a Mabel chegar. Um sorriso que transmita tanto boas-vindas como arrependimento. Um sorriso com um significado por trás, que diga tudo o que preciso de lhe dizer sem ter de formular as palavras exatas. Fecho a torneira.

De volta ao quarto, ligo a chaleira à tomada e pego na tigela amarela, virada ao contrário para secar desde ontem à noite. Deito lá para dentro a granola e o resto do leite do mini frigorífico, entalado entre a secretária da Hannah e a minha. Vou beber chá preto ao pequeno-almoço.

Daqui a sete horas e meia a Mabel vai chegar. Vou até à porta para observar o quarto da maneira como ela o vai ver. Felizmente a Hannah deu-lhe um pouco de cor, mas basta um segundo para ver o contraste entre o lado dela e o meu. Tirando a minha planta e as tigelas, até a minha secretária está vazia. Vendi todos os livros do semestre passado há dois dias, e não quero que a Mabel veja a coletânea sobre a solidão, por isso guardo-a no meu armário — onde há bastante espaço — e quando me viro, dou de caras com o pior: o meu quadro de cortiça completamente vazio. Talvez não possa fazer muita coisa quanto ao meu sorriso, mas quanto a isto posso.

Já entrei em tantos quartos de dormitório que sei bem o que fazer. Passei imenso tempo a olhar para a parede da Hannah. Preciso de citações de músicas, de livros e de celebridades. Preciso de fotografias, recordações de viagem, bilhetes de concertos e provas de que partilho piadas privadas com alguém. Não tenho essas coisas, mas posso criá-las com papel, caneta e a impressora que a Hannah e eu partilhamos. Há uma canção que ouvimos todas as manhãs. Como a memorizei, escrevo o refrão com caneta roxa e corto o papel num quadrado à volta das palavras.

Passo imenso tempo a escolher uma fotografia da lua na Internet.

A Keaton, cujo quarto fica a duas portas do nosso, tem-nos ensinado imenso acerca de cristais. Ela tem uma coleção no parapeito da janela, sempre a cintilar à luz. Encontro o blog de uma mulher chamada Josephine, que explica as propriedades curativas das pedras e como usá-las. Vejo imagens de pirite (proteção), hematite (ligação à terra), jade (serenidade). A impressora de cores estala e começa a zumbir.



Arrependo-me de ter vendido os meus livros tão cedo. Havia post-its e rabiscos de lápis em tantas páginas. Abordámos o movimento Arts & Crafts, em História, e eu tinha gostado de muitas das ideias. Pesquiso por William Morris e leio os seus ensaios, na tentativa de encontrar as minhas citações favoritas. Escrevo algumas delas, usando canetas de cores diferentes. Também as imprimo, em fontes variadas, para o caso de ficarem melhor impressas. Pesquiso uma sequoia parecida com a das minhas lembranças e acabo a assistir a um minidocumentário sobre o seu ecossistema, no qual aprendo que, durante o verão, as sequoias da Califórnia absorvem a maior parte da sua água a partir do nevoeiro e oferecem abrigo a um tipo de salamandra que não tem pulmões e que respira pela pele. Imprimo uma fotografia de uma salamandra sobre musgo verde e, quando a impressora finalmente para, concluo que já tenho o suficiente.



Pego emprestados uma mão-cheia de pioneses da Hannah e disponho tudo o que imprimir e escrevi. Dou um passo atrás e avalio o resultado. Está tudo demasiado perfeito, demasiado novo. Todos os papéis são no mesmo tom de branco. Não importa que as citações sejam interessantes e as fotografias bonitas. Tem um ar desesperado.

E agora já são quase 15 horas e desperdicei este tempo todo. Começo a respirar com dificuldade, porque 18h30 já não está num futuro assim tão distante. A Mabel conhece-me melhor do que qualquer pessoa no mundo, apesar de não termos falado nos últimos quatro meses. A maior parte das mensagens que me enviou ficaram sem resposta, até que acabou por desistir de as mandar. Não sei como é a vida dela em Los Angeles. Ela não sabe da Hannah, nem das cadeiras que fiz ou se ando a dormir bem.

Mas bastar-lhe-á olhar uma vez para mim para saber como estou. Tiro todos os papéis do quadro de cortiça e percorro o corredor até à casa de banho da outra ala, onde atiro tudo para o lixo.

Não há forma de a enganar.

As portas do elevador abrem-se, mas eu não entro.

Não sei porque é que nunca me preocupei com os elevadores. Agora, durante o dia, tão perto da chegada da Mabel, percebo que, se ele se avariasse, se eu ficasse presa lá dentro, se o meu telemóvel ficasse sem rede, se não houvesse ninguém do outro lado do botão de emergência, eu ficaria presa por muito tempo até o zelador se lembrar sequer de vir procurar-me. Dias, no mínimo. A Mabel chegaria e ninguém abriria a porta. Ela iria bater e eu nem a ouviria. Acabaria por voltar para o táxi e esperar no aeroporto por um voo que a levasse de volta a casa.

Ela pensaria que aquilo era quase previsível. Que eu a dececionaria mais uma vez. Que me recusaria a ser vista.

Por isso, deixo que as portas se fechem e vou pelas escadas.

O táxi que eu chamei está à minha espera com o motor ligado, e deixo um trilho de gelo esmagado ao sair do dormitório, agradecida pelas botas da Hannah, que me ficam apenas um pouco apertadas, e que ela insistiu em emprestar-me quando a primeira neve caiu. («Tu *não imaginas* como isto é», disse.)

O motorista do táxi sai para me abrir a porta. Aceno em agradecimento.

— Para onde? — pergunta, quando estamos os dois dentro do carro, com o aquecimento no máximo, a respirar o odor a água-de-colónia e café que paira no ar.

— Para o Stop and Shop — respondo. As minhas primeiras palavras em 24 horas.

As luzes fluorescentes do supermercado, os clientes mais os seus carrinhos, os bebés chorosos, a música de Natal, tudo isto seria demasiado se eu não soubesse exatamente o que comprar. Mas essa é a parte fácil. Pipocas de micro-ondas com sabor a manteiga. Salgados. Trufas de chocolate de leite. Chocolate em pó. Água gaseificada com sabor a toranja.

Volto para o táxi com três sacos cheios de comida, suficiente para uma semana, ainda que ela só vá ficar três dias por cá.

A cozinha comum fica no segundo andar. Eu moro no terceiro e nunca a usei. Penso nela como o lugar onde as raparigas fazem brownies para as noites de cinema ou como um ponto de encontro para aqueles grupos de amigos que querem comer algo que não seja feito na cantina. Abro o frigorífico e vejo que está vazio. Deve ter sido limpo antes das férias. Temos instruções para colocar as nossas iniciais nas coisas, para além do número do quarto e da data. Apesar de eu ser a única aqui, pego na caneta e na fita adesiva. Em pouco tempo, a minha comida ocupa duas das três prateleiras.

De regresso ao quarto, ajeito os snacks na secretária da Hannah. Parece abundante, tal como eu queria. E então o meu telemóvel vibra com uma mensagem.

Cheguei.

Ainda nem são 18 horas. Eu devia ter pelo menos mais meia hora. Não consigo impedir-me de me torturar, ao ler todas as mensagens que a Mabel me mandou antes dessa. A perguntar se estou bem. A dizer que está a pensar em mim. A querer saber onde raio estou, se estou chateada, se podemos falar, se me pode

visitar, se tenho saudades dela. *Lembras-te do Nebraska?*, diz uma delas, uma referência a um plano que nunca pretendemos realizar. E assim continuam, numa sucessão de mensagens sem resposta que me encham de culpa, até que o toque do telemóvel na minha mão me desperta.

Dou um salto e atendo.

— Olá — diz. É a primeira vez que ouço a voz dela desde que tudo aconteceu. — Estou aqui em baixo e está um frio do caracas. Deixas-me entrar?

De repente, estou na porta do átrio. Com apenas uma vidraça a separar-nos, a minha mão treme quando a estendo para rodar a maçaneta. Toco no metal e suspendo o movimento para olhar para ela. Está virada de lado, a soprar para as mãos para as aquecer. Mas depois os nossos olhares cruzam-se, e não sei como achei que conseguiria sorrir. Mal consigo abrir a porta.

— Não sei como é que vocês conseguem viver neste frio — reclama a Mabel ao entrar. Está mesmo gelado aqui, também.

— No meu quarto está mais quente — informo.

Inclino-me para pegar numa das suas malas, tendo o cuidado de evitar que as nossas mãos se toquem. Sinto-me grata pelo peso da mala enquanto subimos no elevador.

O percurso do corredor até à minha porta é silencioso. Quando entramos, a Mabel pousa a mala no chão e despe o casaco.

Aqui está a Mabel, no meu quarto, a cinco mil quilómetros daquilo a que costumava chamar lar.

Ela repara nos snacks que comprei. Cada um deles, um dos seus preferidos.

— Então... parece que não fiz mal em vir — diz a Mabel.



capítulo dois

A MABEL JÁ AQUECEU. Atira o gorro para cima da cama da Hannah e desenrola o cachecol vermelho e amarelo. Estremeço devido à familiaridade destas peças de roupa. Todas as minhas são novas.

— Eu até te pedia para me fazeres uma visita guiada, mas não saio daqui de maneira nenhuma — diz ela.

— Pois, desculpa — digo, ainda focada no cachecol e no gorro. Será que ainda são tão macios como costumavam ser?

— Estás a pedir desculpa pela meteorologia? — As sobrancelhas estão arqueadas e o tom é de provocação, mas não consigo pensar em nada para lhe responder, e a pergunta fica a pairar no ar, um lembrete do pedido de desculpas que ela, de facto, veio receber.

Cinco mil quilómetros é uma distância muito grande para se viajar, quando o propósito é ouvir um pedido de desculpas.

— Como são os teus professores?

Felizmente, consigo falar-lhe do meu professor de História, que diz imensos palavrões nas aulas, anda de mota e parece muito mais alguém que se conheceria num bar do que num

anfiteatro. Este tópico não me transforma numa conversadora dotada, mas pelo menos consigo ser razoável.

— No início eu achava que todos os meus professores tinham feito um voto de castidade — digo. A Mabel ri-se. *Eu fi-la rir.* — Mas depois conheci um que acabou com as minhas ilusões.

— Em que edifício é que ele dá aulas? Podemos fazer uma visita guiada através desta janela.

Ela está de costas para mim, a espreitar o campus. Demoro um pouco a juntar-me a ela.

A Mabel.

Em Nova Iorque. No meu quarto.

Lá fora, a neve atapeta o chão, cobre os bancos, o capô da carrinha do zelador e as árvores. As luzes que iluminam os caminhos brilham, embora não haja aqui ninguém. Assim, ainda parece mais vazio. Tanta luz e apenas quietude.

— É ali.

Aponto pelo meio da escuridão para o edifício mais afastado, fracamente iluminado.

— E onde são as tuas aulas de Literatura?

— Aqui.

Aponto para o edifício ao nosso lado.

— Que outras cadeiras é que tens?

Mostro-lhe o ginásio, onde vou nadar todas as manhãs tentando, sem sucesso, dominar a técnica de mariposa. Também nado à noite, bem tarde, mas não lhe conto isso. A temperatura da piscina está sempre a 26 graus. Mergulhar é como cair no nada, mas sem aquele choque gelado que sempre me foi familiar. Não há ondas tão frias que me deixem dormente nem tão fortes que me levem ao fundo. À noite, a piscina está calma e,



depois de dar umas braçadas, limito-me a boiar de olhos postos no teto ou então fechados, os sons abafados e distantes, com o nadador-salvador de olho em mim.

Ajuda-me a acalmar quando o pânico começa.

Mas quando já é muito tarde e a piscina está fechada e eu não consigo controlar os meus pensamentos, é a Hannah quem me estabiliza.

— Acabei de ler uma coisa incrível — diz ela, sentada na sua cama, com o livro apoiado no colo. E então lê-me um excerto sobre abelhas, sobre árvores caducifólias, sobre a evolução.

Costumo demorar algum tempo até conseguir concentrar-me no que ela está a dizer. Mas assim que consigo, descubro os segredos da polinização, que as asas das abelhas batem duzentas vezes por segundo. Que as folhas das árvores caem, não de acordo com a estação do ano, mas sim com a precipitação. Que antes de todos nós havia algo diferente. Que eventualmente alguma outra coisa irá ficar no nosso lugar.

Descubro que sou uma ínfima peça de um mundo miraculoso.

Forço-me a perceber, outra vez, que estou num dormitório de uma faculdade. Que o que aconteceu, já aconteceu. Acabou. A dúvida espreita, mas uso as nossas camas, as secretárias, os armários, as quatro paredes ao nosso redor, as nossas vizinhas dos dois lados e as vizinhas delas, o edifício inteiro, o campus e o estado de Nova Iorque para afastar a dúvida.

Nós somos aquilo que é real, digo para mim mesma enquanto adormeço.

E às seis da manhã, a hora de abertura da piscina, vou nadar.

Um movimento traz-me de volta. A Mabel a prender o cabelo atrás da orelha.



— Onde fica o refeitório? — pergunta.

— Não dá para ver desta janela, mas fica lá atrás, do outro lado do pátio.

— E como é?

— Razoável.

— Estou a falar das pessoas. Do ambiente.

— Agradável. Costumo sentar-me com a Hannah e os amigos dela.

— A Hannah?

— A minha colega de quarto. Estás a ver o edifício com o telhado pontiagudo? Atrás daquelas árvores? — Ela anui. — É ali que tenho aulas de Antropologia. Acho que é a minha cadeira favorita.

— A sério? Não é Literatura? — Pergunta ela. Eu aceno com a cabeça. — Por causa dos professores?

— Não, são bons — digo. — Mas tudo em Literatura é... demasiado ambíguo, acho.

— Mas é disso que tu gostas. De todas as formas diferentes de interpretação.

Será verdade? Não me consigo lembrar.

Encolho os ombros.

— Mas ainda te vais formar em Literatura Inglesa.

— Não, ainda não decidi — confesso. — Acho que vou mudar para Ciências Naturais.

Tenho a impressão de lhe ver um lampejo de irritação no rosto, mas recebo apenas um sorriso.

— E onde é a casa de banho? — pergunta.

— Segue-me.

Levo-a até à esquina e volto para o quarto.

De repente, três dias parecem uma eternidade. E todos os minutos que a Mabel e eu vamos precisar de preencher, enigmáticos. Mas então vejo o cachecol dela na cama, o gorro a seu lado. Pego neles. São ainda mais macios do que eu me lembrava, e cheiram à água de rosas que ela e a mãe borrifam em tudo. Nelas e no interior dos carros. Em todos os aposentos iluminados da casa.

Seguro-os e não os solto, nem mesmo quando ouço o som dos passos dela a aproximarem-se. Inspiro o aroma de rosas, a simplicidade da pele da Mabel, todas as horas que passámos em sua casa.

Três dias nunca vão ser suficientes.

— Tenho de ligar aos meus pais — diz a Mabel, desde a porta. Pouso as coisas dela na cama. Mesmo que tenha reparado que eu estava com elas nas mãos, não vai dizer nada. — Mandeí uma mensagem do aeroporto, mas eles estão muito nervosos. Estavam sempre a dar-me dicas de como conduzir na neve. E eu sempre a dizer que não era eu quem ia dirigir.

Ela leva o telemóvel ao ouvido. Quando eles atendem, mesmo do lado oposto do quarto consigo ouvir as vozes da Ana e do Javier, exuberantes e aliviadas.

Uma muito breve fantasia: *A Mabel aparece na porta e vê-me. Senta-se ao meu lado na cama, pega no gorro e pousa-o. Retira o cachecol das minhas mãos e enrola-o à volta do meu pescoço. Segura as minhas mãos e aquece-as entre as dela.*

— Sim — diz ela —, o avião era bom... Não sei, era mesmo grande... Não, não serviram comida. — Olha para mim. — Sim — continua —, a Marin está aqui ao meu lado.

Será que eles vão querer falar comigo?

— Tenho de ir ver uma coisa — digo-lhe. — Manda um olá por mim.

Saio e desço as escadas até à cozinha. Abro o frigorífico. Tudo está exatamente como deixei, etiquetado e arrumado. Poderíamos fazer ravioli e pão de alho, *quesadillas*, arroz, sopa de legumes, salada de espinafre com queijo Roquefort ou chili com pão de milho.

Passo um bom pedaço de tempo afastada e, quando regresso ao quarto, a Mabel já desligou.

*Passas pela vida a achar
que precisas de muita coisa.
Até ires embora apenas com o telemóvel,
a carteira e uma fotografia da tua mãe.*

Marin deixou tudo para trás. A casa do avô,
o sol da Califórnia e o calor do corpo de **Mabel**.
As memórias desse último verão estão povoadas
de **fantasmas** que ela não quer enfrentar.

Ninguém sabe a **verdade** devastadora
que mudou a sua vida para sempre.
Nem sequer a sua melhor amiga, Mabel.

Agora, no frio inverno de Nova Iorque, e sozinha
no dormitório da faculdade, Marin não consegue escapar
à **escuridão** que a consome. Até que Mabel chega para
a confrontar com tudo **o que ficou por dizer**
e toda a tristeza que ainda habita no seu coração.

*As palavras que nunca foram ditas
são devastadoras.*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

🌐 seekthebutterfly.pt
📷 @secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN 9789897871467



9 789897 871467 >